

## **O Significado da Eleição de Donald Trump**

**Donald Canard\***

O que significou a eleição de Donald Trump? A vitória dos republicanos e a derrota dos democratas tem qual significado para as lutas políticas nos Estados Unidos?

Vamos por partes. O que significou a eleição de Donald Trump? Significou a vitória da facção burguesa mais conservadora do Partido Republicano e a derrota dos democratas e suas políticas inclusivistas. Ora, numa perspectiva proletária, que é a que assumimos explicitamente, significou trocar seis por meia dúzia. Porém, o fato de ser a facção mais conservadora do Partido Republicano (que de republicano só tem o nome) tem um significado político, gerando uma mudança na dinâmica política institucional norte-americana.

Muitos analisam a vitória de Trump com o sucesso de seu discurso e posição política. Isso é parcialmente correto. Sim, muitos eleitores mostraram uma pendência do discurso autoritário e decidido de Trump, muitos aceitam suas posições políticas contrárias ao democratismo dos Clinton e outros democratas. Isso é verdade. Mas também é verdade que apenas parte dos eleitores de Trump o fizeram por concordância política com suas concepções.

Tomar a parte pelo todo é não-dialético, é incorreto, é equivocado. Gera má interpretação. E qual é a parte ausente? É uma tendência mundial de recusa das políticas hegemônicas no mundo ocidental já há algum tempo. A ascensão do neoliberalismo nos anos 1980 possibilitou um processo de “crescimento econômico” que gerou uma moderação e a emergência do que Nancy Fraser denominou “neoliberalismo progressista”. Essa forma de neoliberalismo defendeu o inclusivismo como forma alternativa ao postulado do keynesianismo e da moribunda social-democracia,

---

\* Donald Canard é articulista marxista e fundador do projeto jornalismo proletário e autor de diversos artigos de opinião sobre os acontecimentos contemporâneos em *Nouvelles prolétariennes*.

abandonando a ideia de integração social, mais dispendiosa, pela ideia da inclusão social. A ideia de inclusão social substitui a de integração social, inclusive a tão propagada, a partir dos anos 1950, da integração da classe operária no capitalismo. Essa inclusão social seria de todos e assim a paz social seria garantida com a manutenção do capitalismo e do neoliberalismo. Sejamos neoliberais, mas sejamos inclusivistas! Não vamos resolver os problemas sociais, melhorar as políticas educacionais e sanitárias, não vamos melhorar nada nas instituições estatais a não ser incluir os que estão fora delas. E vamos convencer a sociedade civil de que ela também tem que incluir, as empresas capitalistas, as instituições privadas, os meios de comunicação. Uma festa colorida, um verdadeiro arco-íris incluindo todas as cores.

Essa falácia inclusivista, que não revela que se trata de uma inclusão em parte ilusória e em parte periférica, é convincente, dá um ar “democrático”, altruísta. O lado ilusório é expresso no processo de que atinge parcialmente a população-alvo. O lado periférico é que a maioria da população-alvo que é efetivamente atingida é incluída sob forma periférica, a não ser aqueles setores que já seriam incluídos sem as ações afirmativas e outras ações que são efetivadas nesse sentido.

A falácia inclusivista vem também com o discurso da “diversidade” e com a liberação social, especialmente a sexual e de drogas. Nesse contexto, se une uma grande gama de questões, que vão desde pessoas com deficiência e suas necessidades especiais, até setores mais ativistas socialmente, como mulheres e população negra, atingindo também outros grupos sociais. Esse processo que acompanha o neoliberalismo progressista vem com o apoio de alguns setores dos movimentos sociais com interesses coincidentes dos donos do poder, numa aliança que garante várias formas de apoio (virtual, eleitoral, etc.) e reforço recíproco. A política inclusivista é acompanhada pela manipulação sentimental – e um baixo nível de racionalidade – no caso dos grupos sociais supostamente beneficiados, mas mais em seus ativistas, seja por interesses diretos ou por ilusões criadas.

Essa política foi hegemônica e conseguiu um relativo sucesso, embora sempre teve seus opositores, alguns por razões políticas, outros por razões morais ou, ainda, motivações econômicas, que muitas vezes se mesclam, mas são distintas e muitas vezes estão separadas. Assim, a moral populista do neoliberalismo progressista foi condenada por muitos, mesmo que recuados no plano virtual e em outras instâncias. As políticas econômicas e o que foi denominado “populismo macroeconômico” e sua

irresponsabilidade fiscais para atender alianças, compromissos e interesses, também desagradaram outro setor da população, inclusive setores neoliberais. Os setores da sociedade que se opõem a um destes três elementos podem confluir e isso efetivamente ocorreu quando se tratou de um processo eleitoral.

É assim que podemos explicar a ascensão de Donald Trump. A política neoliberal progressista (que difere do progressismo de esquerda, mas que nos Estados Unidos, com seu conservadorismo político, é quase a mesma coisa) em época que a economia está em ascensão é mais aceitável e as várias oposições não conseguem grande espaço, mas quando o crescimento econômico ou os problemas sociais e políticos se avolumam, aí eles se tornam mais ativos, públicos, corajosos. E precisam de lideranças. Donald Trump, por suas características individuais, acabou ganhando popularidade e o papel de líder dos opositoristas.

O termo “populismo” atribuído a Trump é equivocado. Historicamente, o populismo é o processo de buscar efetivar políticas de massas e voltadas para promessas e visando grande popularidade. Não é este o caso. Grande parte das propostas de Trump são impopulares. Mas mesmo a população mais pobre há impacto, por causa de sua dicotomia moral com o moralismo populista. A política neoliberal sempre deixa as classes sociais de lado e traz grupos sociais e outros setores da sociedade para a política. Sem dúvida, a tentativa de enfraquecer a luta de classes e o marxismo é facilmente perceptível. Por outro lado, Trump não visa uma política de classes, nem mesmo um populismo trabalhista. Ele visa aglutinar setores descontentes, da burguesia e de outras classes, e conquista espaço em certos setores da sociedade por não reproduzir a moral populista.

Um governo forte, um líder forte e decidido. A feminização da sociedade encontra o seu contraponto na masculinização. O reino do sentimentalismo do politicamente correto, multiculturalismo e outras manifestações culturais que acompanham o neoliberalismo progressista, gera o desejo de amplos setores sociais de um líder que não reproduz tais clichês e faz o que deve ser feito. Vários interesses econômicos e políticos se unem em torno dessa alternativa ao neoliberalismo progressista.

Assim, não se trata de um populismo e sim de um novo fenômeno. Esse novo fenômeno pode ser chamado de nacional-conservadorismo. Assim, líderes e governos fortes, que não aceitam os sentimentalismos, romantismos, inclusivismos, exigindo uma retomada da glória da nação e da força na política. Esse fenômeno não é apenas norte-americano, mas também emergem em outros países. Assim, a nação (com a conotação

ideológica que ganha tal termo), se fundamenta num autocratismo e na desconsideração pela democracia representativa como valor fundamental, bem como do liberalismo e do progressismo. O Jobbik<sup>1</sup>, na Hungria, é uma manifestação desse fenômeno, assim como o que vem sendo chamado de “nova direita” ou “nova extrema-direita”, apesar de termos que entender as diferenças, especificidades nacionais, etc. No fundo, o nacional-conservadorismo pode ser mais extremista dependendo do lugar em que se manifesta e das especificidades nacionais, mas existem alguns elementos comuns que podemos pensar para usar tal nome.

Assim, o significado da eleição de Trump é o de que o nacional-conservadorismo cresceu e se tornou forte nos Estados Unidos. É um sinal também de divisão social, que vai se tornando cada vez mais polarizado. Essa polarização, por sua vez, é anunciadora de turbulências sociais e políticas, crises e outros processos. O nacional-conservadorismo pode avançar ou recuar, mas pelo visto será uma força política, sempre pronta para tentar o assalto ao poder, daqui para a frente, nos EUA, França, Brasil, Hungria e outros países, com suas diferenças e especificidades. E enquanto o neoliberalismo progressista insistir, ele será o seu opositor. O enfraquecimento do nacional-conservadorismo só pode ocorrer ou com a transformação dos neoliberais progressistas e semelhantes em outra coisa ou então o surgimento de uma alternativa. Essa alternativa pode emergir com um ressurgimento do movimento operário e a volta de uma política independente de classe em todos os países, saindo das políticas inclusivistas e neoliberais progressistas e semelhantes, e do nacional-conservadorismo. E para isso teria que colocar em alto e bom som a recusa das propostas políticas, econômicas e morais de ambas as posições, pois assim corroerá parte da base social de ambos os lados e os fará se voltar contra o marxismo, pois as oposições entre posições burguesas são abandonadas quando uma ameaça mais radical aparece e assim as falsas polarizações deixariam de existir em favor do antagonismo de classes. O movimento revolucionário está em frangalhos e os seus falsos representantes não ultrapassam o nível do neoliberalismo progressista e populismos e assim essa alternativa é difícil de surgir a partir daí. Um movimento espontâneo e radicalizado do movimento operário, que fortaleceria o movimento revolucionário, parece ser a única esperança para os tenebrosos dias de hoje, no qual a população escolhe entre formas de neoliberalismo e formas de nacionalismos conservadores.

---

<sup>1</sup> Movimento por uma Hungria Melhor.